

CRÍTICA, PÓLVORA E POEIRA: A REPERCUSSÃO DA GUERRA DE CANUDOS NO JORNAL A NOTÍCIA (1897)

Gustavo dos Santos²

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar como o jornal A Notícia, divulgou a Guerra de Canudos de março de 1897, mês em que aparecem as primeiras notícias a respeito da Guerra, até outubro de 1897 período em que começam a ficar espaçadas as notícias, bem como, avaliar de que forma o jornal A Notícia retratava a Guerra de Canudos. Assim, questionamos: como o jornal recebia e repassava as matérias acerca do massacre para a população sergipana? Como estava descrevendo a participação de Sergipe na Guerra? Para tanto realizamos uma pesquisa documental no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) localizado na Rua Laranjeiras na cidade de Aracaju, onde encontramos o Jornal a Notícia, que tomamos como fonte para esse trabalho. Logo, a partir dessa pesquisa a Guerra de Canudos deve repercussão nos jornais sergipanos, em especial no jornal A Notícia uma vez que compunham em seu quadro uma sequência de matéria, notas e telegramas sobre a Guerra.

PALAVRAS-CHAVES:

Jornal A Notícia, Guerra de Canudos, Sergipe.

ABSTRACT

This article has as objective to analyze how was the legally and politically position of Newspaper 'A Notícia' in the Brazil between the decades of 1850-1870, by publications of the impressions. For so

2. Doutorando em Educação PPEd/UNIT.

E-mail: profgustavo91@gmail.com

much, we inquire: how bachelors in law were positioned and acted on right in configuration of Culture Juridical and Politics in the middle of century XIX? We takes the academic newspaper The Constitutional (Organ of the Constitutional Club Academic) and the Magazines of the São Paulo Law Academic that were produced and circulated among law students of São Paulo to help us the understand how these placement were processed and configuration. Therefore, we notice in the printed that the legal and political positions of academics were related question of slavery. By the readings and analyzes that we have done of impressions evidences that the performances of the bachelors about slavery resided in your newspaper writings and magazines that circulated at the São Paulo Law School.

KEYWORDS:

A Notícia Newspaper. Canudos War. Sergipe.

1 INTRODUÇÃO: POEIRA... O ENCONTRO COM O OBJETO

Uma tapera miserável fora dos nossos mapas, perdida no deserto, aparecendo indecifrável, como uma página trucada e sem numero das nossas tradições. (CUNHA, 1995, p. 247).

A epigrafe acima revela a visão obtida durante meus primeiros anos de estudos na educação básica, no Povoado São José da Caatinga-Japarutuba, Sergipe, terra onde moramos, acerca da Guerra de Canudos. Nesse mesmo local deu-se também, meu ingresso em um Grupo de teatro chamado 'Canudos em Movimento²', onde aprendemos muito sobre esse episodio da história do Brasil. No grupo aprendi que a Guerra de Canudos foi um movimento que teve muitas repercussões na história e na historiografia brasileira.

2. Esse grupo foi fundado em 1999 na Universidade Federal de Sergipe, por jovens estudantes do curso de História, com o intuito de representar Sergipe na Celebração Popular pelos mártires de Canudos no sertão da Bahia. No ano de 2000 o grupo teve sua composição formada por jovens da cidade de Japarutuba-SE e no ano seguinte por jovens do povoado São José.

Desta forma, falar da Guerra de Canudos é uma tarefa na qual sentir algumas dificuldades, pois existem muitas contradições acerca da temática que envolve a dinâmica em que a guerra ocorreu: quem foi o oprimido e quem foi o opressor? Antônio Conselheiro era um líder camponês ou um líder messiânico? Assim, diante desse contexto me indagava ainda, se a Guerra de Canudos, foi um movimento que mobilizou o Brasil, como se deu a participação de Sergipe nessa Guerra? Como a Guerra de Canudos estava sendo divulgada no jornal sergipano A Notícia, durante o período em que a mesma estava acontecendo?

Todavia, num primeiro momento não percebemos a possibilidade de debruçar sobre essa temática por pensar que tudo já era conhecido, estudado e explicado sobre Canudos. Entretanto, discorrendo sobre a participação de Sergipe e sergipanos na Guerra de Canudos, percebe-se possibilidades de pesquisa, pois temos conhecimento de que daqui de Sergipe saíram pessoas para compor o grupo de Antônio Conselheiro bem como militares para combater contra o arraial³.

Para tanto realizamos uma pesquisa documental no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) localizado na Rua Laranjeiras na cidade de Aracaju, onde encontramos o *Jornal a Notícia*. Desse jornal foi feito um recorte de matérias que versa sobre a temática. Assim sendo, realizar a análise da repercussão da Guerra de Canudos no jornal *A Notícia* bem como essas matérias estavam sendo apresentada para a sociedade sergipana no período de 1897 foi o ponto de partida deste trabalho.

Logo, objetivamos analisar como o jornal *A Notícia*, divulgou a Guerra de Canudos de março de 1897, mês em que aparecem as primeiras notícias a respeito da Guerra, até outubro de 1897, período em que começam a ficar espaçadas as notícias, bem como, avaliar de que forma o jornal *A Notícia* retratava a Guerra de Canudos; compreender como o jornal recebia e repassava as matérias acerca do massacre para a população sergipana; verificar entre as notícias como estava descrevendo a participação de Sergipe na Guerra.

Neste sentido, a história por meios dos periódicos aparece como uma possibilidade de fonte de

3. Dados extraídos do livro: História Política de Sergipe de Ariosvaldo Figueiredo.

trabalho do pesquisador na medida em que expõe o acesso a forma como se trabalhar com esses tipos de documentação (SÁ, 2006). Assim, adentrar ao campo da História, enquanto área do conhecimento desta pesquisa faz-nos ir ao encontro de uma metodologia específica de análise dos dados coletados.

Para análise das fontes utilizadas neste trabalho, foi levada em consideração a sua função enquanto documento/monumento a partir das postulações expostas por Le Goff (1994). Para o autor, os resquícios deixados podem ser classificados como monumentos e/ou documentos. Segundo ele, monumento “é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação” (LE GOFF, 1994, p. 535), ou seja, “O monumentum é um sinal do passado” (LE GOFF, 1994, p. 535). Já o documento é “o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica” (LE GOFF, 1994, p. 536).

Assim, para este historiador

[...] um monumento é em primeiro lugar uma roupage, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 1994, p. 548).

Para nós ficou entendido que monumento é o que está na memória coletiva de uma dada sociedade, que foi e é vivido por ela, logo, perpetua de forma voluntária ou involuntária na história de um passado vivenciado e experienciado.

Segundo Le Goff (1994, p. 545), “[...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças que aí detinham o poder”. É com esse pensamento que fomos aos documentos.

Le Goff (1994, p. 547-548) afirma ainda:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documen-

to é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento – verdade.

Esta definição de documento nos faz pensar como podemos analisar as fontes da pesquisa que ora nos detemos. Acreditamos que esses documentos são detentores de uma força e poder que nos auxiliam na compreensão da cultura jurídica e política. Pois, eles constituem dados que nos ajudam a entender a cultura jurídica e a cultura política na formação dos Bacharéis em Direito no século XIX. Logo, nos vem à tona que o documento pode nos dizer enquanto registro do passado. Para tanto, é sabido também por nós, que o documento não é capaz de falar sozinho, são as perguntas que fazemos que nos ajudam a responder as questões de pesquisa.

2 PÓLVORA... COMENDO UM BREVE HISTÓRICO DA GUERRA DE CANUDOS

Antônio Vicente Mendes Maciel ou como era conhecido beato Antônio Conselheiro, dentre tantas outras nomenclaturas foi o personagem central dessa revolta, um genuíno nordestino nascido em família pobre no interior do Ceará, casado e pai de três filhos. Nasceu em 13 de março de 1830 em Quixeramobim, Ceará. Era filho de um ex-boiadeiro e de Mario Maciel. Casou-se com uma prima de 15 anos em 1857. Endividado, hipotecou a casa e vendeu tudo que o pai tinha deixado, tornou-se professor da Fazenda Tire, tentou o comércio, mas faliu, foi balconista e rábula.

Fundou o arraial de Canudos no sertão da Bahia com cerca de 5.000 casas de 30.000 habitantes, contrariando assim os fazendeiros, a elite dominante, e a Igreja Católica, que por várias vezes tentam destruir a cidade de Canudos, obtendo êxito na quinta expedição, deixando assim na cidade sonha-

da como justa e igualitária um cenário de ‘cabeças cortadas, casas queimadas, crianças órfãs e distribuídas a quem as quisesse, e milhares de cadáveres espalhados pelo sertão” (ABDAZA JR. 1997, p. 119). Entretanto é importante dizer que:

Não foi Antônio Conselheiro que construiu Canudos, para edificar a cidade e criar uma comunidade ordeira e trabalhadora não bastavam os fieis ardentes e abnegados que legalmente o seguiam. Necessitava de pessoas dirigentes e capazes, a quem poderia delegar poderes e confiar na excursão do planejado. (MONIZ, 1981, p. 57).

No confronto de ideias as matérias recolhidas como contribuintes no trabalho tornam-se elemento, muitas vezes de jogos políticos, ideológico, crenças, valores do grupo responsável pelo jornal. Então, por estar intimamente ligada com a política, a Guerra de Canudos nessas matérias torna-se um emblemático confronto entre essas forças políticas. Assim, a Guerra de Canudos era apresentada das mais diversas formas possíveis, uns contra outras favoráveis, chegando a afirmar que ‘Canudos não foi uma sublevação dos camponeses. Foi apenas a resistência que eles opuseram às forças do exercito (MONIZ, 1981, p. 19) Desta forma é consenso que a Guerra de Canudos foi o maior massacre em massa da nossa história ‘cabeças cortadas, casas queimadas, crianças órfãs e distribuídas a quem as quisesse, e milhares de cadáveres espalhados pelo sertão” (ABDAZA JR. 1997, p. 119).

A Guerra de Canudos foi pauta de muitos artigos no jornal *A Notícia*⁴, antes, durante e até mesmo depois, logo todos os que tinham ligação direta com o massacre em Sergipe foram mencionados no jornal, seja a favor ou contra aos ideais do Conselheiro. O ‘massacre dos sertanejos” foi o confronto entre o Exército e um movimento popular que se restabeleceu num propósito de resistência entre o Exército da República e suas Forças Militares. ‘Canudos não foi uma sublevação dos camponeses. Foi apenas a resistência que eles opuseram às forças do exercito” (MONIZ, 1981, p. 19).

4. Jornal *A Notícia* de março de 1897 á outubro de 1897 é neste período que começa a aparecer notícias a respeito da Guerra de Canudos que já estava em sua quarta expedição

Esperançosos e crentes na palavra do Conselheiro, milhares de sertanejos, homens comuns, foragidos, ex-escravos, índios, camponeses, sem-terra enfim pobres partem para Canudos, pois naquele povoado todos teriam os mesmos direitos, sem exclusão social um ambiente de segurança e tranquilidade. Impressionante o crescimento da cidade que passa a se chamar arraial, com estruturas bastante avançadas para região e época, se percebia características de educação das crianças, mulheres respeitadas, boas mães, não necessitava para ordem da comunidade autoridades policias nem coletas de impostos e muitos outros aspectos que convencia aos sertanejos das vantagens dessa missão...

Não foi Antônio Conselheiro que construiu Canudos, para edificar a cidade e criar uma comunidade ordeira e trabalhadora não bastavam os fieis ardentes e abnegados que legalmente o seguiam. Necessitava de pessoas dirigentes e capazes, a quem poderia delegar poderes e confiar na excursão do planejado. (MONIZ, 1981, p. 57).

Essa organização não agradou fazendeiros, o Estado e a Igreja, que começaram uma campanha, exigindo providencias contra o Conselheiro e seus seguidores. Eram mudanças radicais, que pareciam acabar com antigos privilégios. Já se esperava um levante monarquista, mas nunca de um grupo de desvalidos. Canudos representou o imprevisto. Para o governo, o Nordeste só poderia se beneficiar com a nova ordem, no entanto homens lutaram até a morte em nome dessa rejeição.

Quatro expedições foram enviadas durante um ano contra mais de vinte mil habitantes da região: índios, mulatos, caboclos, pretos sertanejos dirigidos pelo beato Antônio Conselheiro e munidos apenas de paus, pedras e armas rústicas. Os soldados traziam metralhadoras, granadas e canhões. Estavam poderosamente armados e eram numerosamente muitas vezes superiores aos revoltosos, mas perderam as três primeiras batalhas. Das quatro expedições enviadas a Canudos, só foi possível obter êxito, ser derrotada, na quarta batalha que mobilizou milhares e milhares de soldados de diversos lugares do Brasil. Essas expedições eram formadas por homens do exercito de quase todo o Brasil.

Deslocaram-se batalhões de todos os estados: 12°, 25°, 30°, 31°, 32°, do Rio Grande do Sul; o 27, da Paraíba; o 34°, do Rio Grande do Norte; o 33° e o 35°, do Piauí; 5° do Maranhão; o 4° do Pará; o 26°, de Sergipe; o 14° e o 5°, de Pernambuco; o 2°, do Ceará; e parte da 9ª cavalaria, regimento de artilharia da capital federal; o 7°, 9° e o 16°, da Bahia. (CUNHA, 1995, p. 251).

Sergipe não ficou fora deste momento, fazendo-se assim presente tanto nas expedições militares, como também tinha muitos seguidores do Conselheiro. Porém, a participação de Sergipe não era muito mencionada, falando-se apenas de 'reforços', mas não de uma participação efetiva. Em um de seus livros, Ariosvaldo Figueiredo afirma que da província de Sergipe partiram, para se incorporarem a comunidade de Antônio Conselheiro pessoas da vila de Simão Dias, cerca de 300 homens, a possível ligação do padre Olímpio Campos com o movimento de Canudos e a presença de militares sergipanos no confronto.

Mas, observando o jornal *A Notícia* (1897) percebe-se que Sergipe teve uma participação ativa neste episódio marcante da história do Brasil. Sabe-se que daqui partiram para a região de Canudos muito homens e mulheres atrás do sonho e dos ideais do Conselheiro bem como para combater os jagunços. As elites conservadoras de Sergipe criticavam duramente os seguidores de Antônio Conselheiro ou qualquer pessoa que resolvesse, por questões ideológicas, apoiar o Beato Conselheiro.

Desta forma, por Sergipe ser um estado próximo da região da Guerra de Canudos e por ter uma participação ativa, tinha a necessidade de aprofundar acerca da repercussão do genocídio no jornal sergipano *A Notícia*. Assim, notamos no jornal que os artigos eram cheios de paixões políticas, violentos, transbordados de ódio para com os 'fanáticos de Canudos'. É curioso observar que os emblemáticos do jornal foi parte do estudo desta pesquisa, apresentando termos, características e adjetivos ofensivos a Antônio Conselheiro e seus seguidores.

3 CRÍTICA... A IMPRENSA SERGIPANA NO INÍCIO DA REPÚBLICA

Os impressos tinham grande importância na vida da sociedade do século XIX, pois manifes-

tavam sobre assuntos diversos e serviam para polemizar e influenciar a opinião pública (CARVALHO; NEVES, 2009, p. 217). Em consonância com essa afirmação Zica (2011, p.151) afirma que 'a participação dos homens na imprensa era enxergada como uma das maneiras de agir em nome da pátria, de lutar pela nação, de ser útil ao bem do Estado'. Logo, entendemos que os jornais se constituíam como um instrumento de formação política da sociedade.

Assim, segundo Carvalho (2009) devemos observar, nesses periódicos, a retórica utilizada; as concepções de direito; suas práticas; as polémicas como indicadores do nível de tolerância política; as organizações políticas e civis; os manifestos políticos; as representações; as queixas; os abaixo assinados; as petições, dentre outros. Nesse sentido, a partir de sua interpretação e divulgação, a imprensa adquiria uma dimensão política uma vez que '[...] reconstruía e dava significado político aos acontecimentos' (CARVALHO; NEVES, 2009, p. 217). Dessa forma, os impressos constituíam-se como espaço onde a opinião pública era exposta e enxertada de ideias, valores, interesses políticos e pessoais.

Nos jornais e em outros impressos, as oposições se firmavam umas contra as outras. Eram nesses espaços de comunicação onde aconteciam os embates políticos e ideológicos. O debate era 'intenso, incluindo campanhas difamatórias e ataques de caráter pessoal' (CARVALHO; NEVES, 2009, p. 217). Debates típicos da cultura política do século XIX. Dessa forma, 'a imprensa aparece assim como parte central dessa 'guerra' política em meio a qual desfilam 'agressões' e 'defesas'". (ZICA, 2011, p. 153). A imprensa visava o combate imediato, de apoio ou de oposição a um determinado assunto da sociedade, ou as instituições e pessoas. Via de regra, o impresso 'representava as facções políticas que se formavam ao redor das novas ideias' (CARVALHO; NEVES, 2009, p. 217).

Assim, Zica (2011, p. 153) apresenta a estruturação textual dos jornais do século XIX. Essa estruturação era composta de três momentos. Primeiro, a produção de um inimigo (o Arraial de Canudos); segundo, a construção de uma justificativa nobre (a incitação trazida pelos canudenses à desordem social e política); e por fim, a indicação de uma reação

violenta à ameaça trazida pelo inimigo em questão (a não aceitação da República). Essas novas ideias eram dirigidas às pessoas como forma de conscientização, no sentido de fazê-las aderir aos ideais do governo que queria difamar, os que aderiam ao movimento. Logo, os jornais tinham uma vinculação à política e passaram a ter um caráter político doutrinário (CARVALHO; NEVES, 2009).

Nesse contexto, criar um jornal ou uma revista era uma aventura. E nessa aventura, os principais aventureiros eram os escritores, políticos e estudantes de Direito desejosos de expandir suas opiniões e ideias. Para tanto, necessitava atingir o maior número de público leitor possível para garantir a circulação do jornal. Os conteúdos do jornal eram variados, além das informações políticas acerca de Canudos contavam, também, com informações históricas, peças literárias e relatos científicos, na tentativa de cultivar o público leitor. Mas, a manutenção de uma publicação era difícil. Por isso, os jornais no Brasil em sua maioria, tiveram pouca longevidade (CARVALHO; NEVES, 2009, p. 333).

De toda forma, parece que a influência política da imprensa em geral teve uma ação bastante considerável sobre as mentalidades, gostos e reação primária do público leitor e assíduo desses impressos. Dentro desse contexto histórico da imprensa, percebe-se que em Sergipe tinham um papel importante na sociedade, circulavam de forma diversificada, uns diariamente, outros semanais ou até mesmo quinzenalmente, nos turnos matutinos ou vespertinos, cada um com papel diferenciado, sedimentando uma contribuição variada para a imprensa sergipana. No início da República, a capital de Sergipe, contava com inúmeros jornais, dentre eles podemos destacar: O Paladino (1889); O Republicano (1890); Correio de Sergipe (1891); O Município (1893); O Progresso (1895); Diário Oficial do Estado (1894) e A Notícia (1896/1897) sendo este último que nos concentraremos em analisar.

O jornal *A Notícia* tratava de temas políticos e com temáticas polêmicas da vida sociopolítica de Sergipe. Ele tinha uma página dedicada exclusiva para os anúncios e entre os mais comuns eram espaços de anúncios de vendas, propagandas de agências bancárias, farmácias, clínicas médicas, dentre outros. As seções em sua maioria eram

livres, apresentando notícias políticas, como também agradecimentos e charadas, no entanto a utilização de fotografias era inexistente, no jornal analisado não tinham fotos, mas xilografuras em sua diagramação. As notícias mais frequentes eram política, e no jornal *A Notícia* o que se destacava, no ano estudado 1897, era os acontecimentos no sertão da Bahia, a Guerra de Canudos, que eram divulgados diariamente nesse jornal.

Ao considerar as especificidades do jornal analisado, notamos que era de cunho particular, fato este que nos remota a um ponto importante para esse estudo consistente na ideia dele atender as necessidades e exigências de um grupo político no qual fazia parte, no caso deste ao Partido Republicano Federal. Os aspectos gráficos desse jornal não apresenta itens que difiram dos demais jornais, pois, não incluía em suas estéticas o instrumento de fotos e imagens, possuindo um quantitativo de quadro páginas. Sendo assim, o jornal *A Notícia* tinha sua publicação feita diariamente, saindo no turno vespertino e era um órgão do Partido Republicano Federal dirigido por Zacheu Dantas. Arminho Guaraná descreve como era o jornal *A Notícia*.

A Notícia, diário da tarde propriedade de uma associação. 1896-1897. Redatores- Silva Lisboa, Brício Cardoso, João Menezes, Alves de Farias e João Pereira Barreto. O primeiro número saído a 02 de março daquele mesmo ano mede 0,22 X 0,15, com quatro páginas de duas colunas largas cada uma. Em 02 de abril do mesmo ano aumentou o formato para 0,45 X 0,29. Depois de fevereiro de 1897, se intitula órgão de propaganda republicana constituindo-se de 09 de junho em diante do órgão do Partido Republicano Federal. (GUARANÁ, 1908, p. 790).

Segundo Araújo (1993, p. 119): 'em 1897, *A Notícia* subintitula-se de órgão do Partido Republicano Federal". Dessa maneira, realizando em suas notas ofensas as questões relativas a Canudos. O jornal *A Notícia* se apresentava como esse mediador das informações entre os acontecimentos e a população, que recebia a informação assimilava e tinham tais como verdade absoluta do fato. *A Notícia* publicava nas suas matérias, de forma crítica, os atos do governo de Prudente Moraes, ou seja, em

dissidência ao grupo que se encontrava na situação, ofendendo e criticando governo federal. O local onde se encontrava as matérias apresentadas para a sociedade sergipana referente a Canudos era estratégico, entre notas que mostrava a forma como Prudente conduzia o governo, no intuito de denegrir a figura e o governo de presidente.

Esse jornal sergipano apresentava um confronto de ideias políticas vinculadas às ideias progressistas.

A agressividade desmedida e a violência gerada no choque de interesses políticos, mas também o devotamento cívico, a defesa da moralidade pública e as ideias progressistas, e a preocupação com os interesses da província. Revelam também fatos destacados da história política e os nomes de seus protagonistas. (ARAÚJO, 1993, p. 9).

Na política as atitudes desse jornal não diferem das de hoje, onde os redatores 'que então publicava sob controle os atos oficiais' (ARAÚJO, 1993, p. 9), usavam do poder que o mesmo exercia e realizavam alertas aos eleitores quando a escolha de nomes para exercer os cargos públicos, lógico, nem sempre criticava nomes que realmente mereciam, mas sim daqueles que fossem convenientes aos seus interesses políticos. Como órgão do Partido Republicano Federal de tendência Florianista defende uma bandeira de uma nacionalidade que, com artifícios e ranços jacobinos, o general Louro Sodré de Castilhos, Manuel Vitorino Perreira, Pinheiro Machado dentre outros honorários do exercido num âmbito nacional queriam liderar.

Sendo assim, o jornal *A Notícia* era transportador de furor, cheio de raiva, respirava vingança. Uma imprensa que escandalizava, envergonhava, como se o intuito fosse apenas ferir adversários políticos. O jornal *A Notícia* servia ainda de instrumento de ataques entre Martinho Garcez, Olympio Campos, Coelho e Campos, Leandro Maciel e Felisbela Freire. Nessa luta política, travada em Sergipe, o Sr. Martinho Garcez tinha a sua disposição esse jornal, ao passo que seus adversários não tinham veículos para sua defesa diante da opinião pública.

Garcez (ligado aos Pebas) e Olympio (membro dos Cabaús) se entrelaçavam e se justificavam um esquecendo-se das ligações com o Coronel Vala-

ção, que tinha lhe aberto a porta do governo, e o outro não esquecido das resistências oferecidas, e das promessas de reação armada contra o sucessor de Valadão. Foi diante desses problemas do governo de Martinho Garcez que Antônio Conselheiro em Canudos, começou a inquietar o país e as forças militares, conseqüentemente, sergipanos como: Capitão Salomão da Rocha, Tenente Odilon Coriolano, Alferes Antônio Wanderley e o engenheiro militar Siqueira de Menezes, que participaram do combate e deixaram imortalidade pelos atos de bravura e exemplo disciplinares.

Ao observar as informações acerca da Guerra de Canudos no jornal *A Notícia* de 1897, percebe-se uma visão distorcida ou até mesmo forjada da figura do Conselheiro. As acusações são recorrentes a ele, sempre eram as mesmas, em todas as matérias era lhes apresentado uma figura de um subversivo e inimigo da República. Como órgão do Partido Republicano Federal, o jornal *A Notícia*, apresenta em seu bojo matérias contrárias as ações que o presidente estivesse realizando, sem omitir o seu interesse em derrotar Canudos, ao mesmo tempo percebe-se que as matérias referentes ao arraial de Canudos, estavam sempre entre os atos do presidente no combate a Canudos sem obter êxito.

Derrotar Canudos simbolizava muito para o governo de Prudente, daí a forma como Canudos era tratado nas matérias, como veremos descrito posteriormente, onde é possível identificar a face elitista da República oligárquica. Porém, é preciso salientar que Prudente de Moraes assumiu o governo federal num momento em que o país atravessava uma grave crise econômica e um conflito político, envolvendo divergências de interesse entre as duas principais facções republicanas: os radicais florianistas e a oligarquia cafeeira. Assim vencer Canudos significava fortalecer seu o governo e seu mandato.

A oposição a Prudente Moraes era cada vez mais radical por parte dos jacobinos, atônitos, viam o novo governo operar um verdadeiro processo de desmilitarização das instituições republicanas ao firmar acordos internacionais que os jacobinos consideravam maléficis para os brios nacionais. O reatamento das relações diplomáticas com Portugal representava para os radicais um passado de atraso e vergonha monárquica que era preci-

so definitivamente superar. Os Jacobinos ainda que indiretamente, surgiram na capital contra os sertanejos de Canudos, quando com a morte de Moreira César nada mais fez do que acirrar as disputas políticas, principalmente na alimentação de mostrar o governo de Prudente Morais como um novo governo frágil e sem programa político concreto para debelar as forças de Canudos.

Se analisamos os arranjos políticos do momento veremos que para os opositores usar da derrota e do governo federal frente à Guerra de Canudos, significa fundamentar ataques frontais ao presidente Prudente Morais, por isso era preciso mostrar em seus meios de comunicação que o governo estava tratando sem importância questões relativas a Canudos. As matérias geralmente apresentavam-se na primeira página e antecedidas por notas que mostravam como Prudente lidava com caos que os três últimos anos de governo Republicano estavam passando no intuito de realizar e forçar uma visão deprimente e dolorosa, das ruínas da República e até estereotipando o grupo dominante como um devastadores da própria pátria.

Nas eleições municipais de 1 de setembro de 1897 no jornal *A Notícia*, mostra como foi estrondosamente derrotado em todo o estado o partido maragato de Sergipe cujo chefe era o ostensivo Sr. Cônego Olympio Campos, apesar de Martinho Garcez tentar denegrir a imagem do Padre Olympio Campos, afirmando uma possível ligação com Antônio Conselheiro. De nada valeu as carrancas da monarquia a presença do senador Leandro Maciel, que concorrera o pleito na capital sergipana, colhendo sempre amargos dissabores. O Partido Republicano Federal venceu largamente em todos os colégios eleitorais, firmando que ele era uma força inabalável.

Com a vitória do Partido Republicano Federal o prestígio e beneméritos ficam a cargo dos que eram seus líderes, que aproveitava dos resultados da eleição para mostrar sua pujança política. A partir dessa matéria percebe-se que a uma necessidade de estar apresentando a força que o Partido Republicano Federal tinha no interior do estado e também na Capital, e desmerecendo a presenças de opositores. Sendo assim, a uma necessidade de mostra do jornal *A Notícia* mostra a forma como os jagunços eram muitos e fortes, e

que o governo federal deveria se esforçar para debelar essas forças.

Canudos estava no auge das notícias, por conta da pressão dos opositores de Prudente, pois, se percebe que há anúncios e promessas de mais informação para deixar os leitores do jornal a par das informações acerca do combate. Relatando as notícias da Guerra percebe-se um enaltecimento a figura dos oficiais como sendo pessoas bravas que defendem a pátria dos malvados de Canudos, apresentando que Antônio Conselheiro não poupa nem as crianças do combate, a fim de comover a sociedade, ou tempo em que mostra e que o general Arthur Oscar toma uma criança ferida para fazer o curativo, logo representando como uma pessoa boa e piedosa.

O jornal *A Notícia* enfoca ainda os discursos de Antônio Conselheiro em suas romarias onde defendia a ideia de que a República era ateia e perseguidora da religião, fazendo-os crer que a República tinha em vista escravizar o povo e fazer com que antigos escravos voltassem aos cativeiros e o povo fosse escravizado. A maioria das matérias que ali eram noticiadas, a respeito da Guerra de Canudos, era retirada de outros jornais, oriundos geralmente da Bahia, do Rio de Janeiro ou até há casos em que as notícias eram de jornais do Rio Grande do Norte. Baseada em cartas e telegramas de oficiais para sua família e amigos

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra de Canudos foi um evento de repercussão mundial, pauta de muitas matérias em jornais de todo o mundo. Em Sergipe o jornal *A Notícia* também, não diferente, faz do episódio em Canudos um arsenal de matérias, notas e telegramas, como intuito de informar a população e formar consciências do que vinha ocorrendo no sertão da Bahia, principalmente com o objetivo de fortalecer o governo de Prudente Morais e desmoralizar o movimento de Canudos. O jornal *A Notícia* em sua maioria das vezes ou quase sempre apresentava o arraial de Canudos, Antônio Conselheiro e seus seguidores como um grupo de desordeiros e pessoas fora da ordem, e que conseqüentemente ameaçava o poder republicano recém instalado no Brasil.

Sendo assim, o jornal *A Notícia em Sergipe*, de cunho republicano, sai em defesa dessa nova ordem e do governo vigente e, condenando o Conselheiro e seus seguidores com estereótipos ofensivos e que ameaçavam a vida de quem estava envolvido de forma direta na organização ou que compunha o arraial. Enfim, a Guerra de Canudos deve repercussão nos jornais sergipanos, em especial no jornal *A Notícia*, uma vez que compunham em seu quatro uma sequência de matéria, notas e telegramas

sobre a Guerra. É válido ressaltar a importância que esse jornal teve no processo de construção de uma identidade histórica e visão sobre a Guerra e a forma como se constituía o arraial nas mentes sergipanas.

Na medida, em que concluíamos a pesquisa percebemos que os jornais com todas as suas diversidades são de extrema importância para a pesquisa histórica, porém vale ressaltar a necessidade de uma minuciosa análise em sua utilização e contexto em que foi produzido.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamim; ALEXANDRE, Isabel M. M. **Canudos**: palavras de Deus sonho da terra. São Paulo: Senac, 1997.160p.

ALBERT, P.; TERROU, F. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.121.

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Imprensa em Sergipe**. Brasília: gráfica do Senado, 1993.

CALASANS, José. **Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes**: considerações em torno de uma revelação do embaixador Gilberto amado. Salvador, Bahia,1957.

CALASANS, José. **Notícias de Antônio Conselheiro**. Salvador: Centro de estudos, 1969.

CALASANS, José. **Cartografia de canudos**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 1997.147p.

CARVALHO, José Murilo; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira. **Repensando o Brasil do Oitocentos**: Cidadania, Política e Liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

COSTA FILHO. **O fundador da imprensa sergipana**. Revista do Instituto Histórico de Sergipe, n.5, Aracaju, 1920.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**: campanha de canudos. 36.ed. Rio de Janeiro: F. Alves,1995.

GUARANÁ, Manoel Armino Cordeiro. Estado de Sergipe: jornais, revistas e outras publicações de 1932 a 1908. **Revista do Instituto Histórico de Sergipe**, n.2, Aracaju, 1908.

- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **O primeiro Jornal de Sergipe de 1932**: Antonio Fernando da Silveira, Monsenhor. Revista do Instituto Histórico de Sergipe, Aracaju, n.11, 1913.
- LE GOFF, Jacques. História (p.17-166) e Documento/ monumento (p. 535-549). In: **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 3.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.
- LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**, 2ed. São Paulo: Contexto, 2006. Cap.4. p.111-153.
- MONIZ, Edmundo. **Canudos**: A Luta Pela Terra: 7.ed. São Paulo: Global, 1988, 110p.
- OLIVEIRA, Paulo de Sales. **Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas**: A importância do Método. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.17-26
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Filigramas da Memória**: História e Memória nas Comemorações no centenário de canudos (1993-1997). 2006. 489p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- TAVARES, Odorico. **Canudos**: Cinquenta anos depois (1947), Salvador, Bahia: Academia de Letras, 1993. 66p.
- VILLA, Marco Antônio. **Canudos**: O campo em chamas. São Paulo: Brasiliense, 1971. 79p
- VILLELA JUNIOR, Marcos Evangelista da Costa. **Canudos**: Memórias de um Combatente. São Paulo: Marco ZERO, 1988. 132p.
- WINNE, João Pires. **História de Sergipe**: 575-1930. Rio de Janeiro: Pongette, 1970.
- ZICA, Matheus da Cruz e. **Diversificação dos modos de ser masculino e estatização da violência masculina na escrita literária e jornalística de Bernardo Guimarães (1869-1872)**. 2011. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011.

Recebido em: 18 de Outubro de 2016
Avaliado em: 5 de Dezembro de 2016
Aceito em: 12 de Dezembro de 2016
